

B. N. L.
28.FEV.1979

«NÃO HÁ NADA TÃO FORTE
E TÃO SEGURO NUMA EMER-
GÊNCIA COMO A SIMPLES VER-
DADE».

Dickens

A voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTE
PAGO

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 711

ANO XXVII

25/1/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Quando no Inverno há bonança

Nem sempre o Inverno, que personifica entre as restantes Estações a ovelha desgarrada da família, mostra o seu génio agreste e irascível.

Também, por vezes possivelmente saturado de tanta intemperividade e tropelias, condescendendo em conceder amenidades que naturalmente são bem recebidas, de mãos ambas, por quem lhe reconhece os rigores.

Talvez que, à semelhança com o diabo, não tão feio como o pintam, se anime a dar um ar da sua graça. E que graça tem o Inverno, quando se decide pelos dias ornados de céu azul e sol tímido?

Até os pardais aparecem não se sabe donde, para trilar nos telhados; até os velhotes, um ou outro, são tentados pelos bancos dos jardins ou da via pública; até os viandantes, refugiados possivelmente nas mansões hoteleiras, saltam cá para fora e dão largas à sua curiosidade; até os estudantes adolascetes, aos magotes, parecem mais comunicativos e alacres nos seus motejos e luquacidade redobrada; até essa gente anónima que corre afobada, em todas as direcções, sob a pressão dos afazeres quotidianos, dos horários e dos compromissos

rotineiros, tem um outro semblante... talvez menos afevelado pelas preocupações.

O Inverno deu tréguas.

Respira-se fundo a bonança, que agora, bem humorado, com uma generosidade que não se casa com o seu feitio habitual, resolveu distribuir.

Mas a sua volubilidade é transparente. Ninguém se fia na sua prodigalidade.

Lá ao longe espreitam ameaçadoras nuvens. Dentro em breve o

(continua na pág. 5)

NOVO SERVIÇO COMBINADO de ligação à Estação de Loulé

Entre a estação ferroviária de Loulé (Loulé-Gare) e Loulé Central (Vila), entrou em funcionamento um novo serviço combinado de transporte de mercadorias e pequenos volumes a cargo de Henrique Vieira Correia.

Esta alternativa de serviços, permite despachos de e para qualquer estação do caminho de ferro

(continua na pág. 2)

PROBLEMAS DE BOLIQUEIME focados na Assembleia da República

No hemiciclo nacional, por intervenção do deputado (PSD) Cristóvão Guerreiro Norte, foram levantados problemas respeitantes à Freguesia de Boliqueime, que de há muito aspira a ser dotada de rede de distribuição de água e de construção de esgotos.

Como a sua explanação se reveste de indiscutível interesse, a seguir grafamos na íntegra o respectivo conteúdo.

Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia da República.

Foi-me pedido pelo Presidente da Junta de Freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé, que me fizesse eco junto do Governo, através dum requerimento do assunto cujos considerandos passo a expor:

I — Considerando que nos planos orçamentais da Câmara de Loulé, designadamente os de 1972, 1973, 1974 se definiam verbas cujo objectivo específico era a construção de esgotos e a canalização de água em Boliqueime.

II — Considerando que essas verbas não passaram de meras promessas nunca cumpridas, constituindo um slogan vazio de conteúdo do regime deposto.

III — Considerando que o 25 de Abril é fundamentalmente a de-

(continua na pág. 7)

Disposição legal procura eliminar o analfabetismo

Já saiu publicada no «Diário da República», a lei preconizada pelo parlamento e homologada pelo Presidente da República, que intenta eliminar o analfabetismo.

A face da lei recém-promulgada, incumbe ao Estado assegurar o ensino básico universal e eliminar o analfabetismo através de meios de ensino consentâneos.

Em contrapartida foi criado junto da Assembleia da República o Conselho Nacional de Alfabe-

tização e Educação de Base de Adultos, o qual deverá estar formado até 15 de Março.

Por seu turno, o Governo deverá fomentar a apresentação ao organismo acima nomeado do Projecto do Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos.

Será, através da força da lei, que se expurgará o analfabetismo?

(continua na pág. 7)

Loulé terá o seu Lar para a Terceira Idade



(VER PAGINA 8)

Loulé assistiu exultante ao baptismo DA AUTO-ESCALA «MAGIRUS»

★ AO SOFISTICADO VEÍCULO DE SALVAÇÃO
FOI ATRIBUÍDA A SIMBÓLICA DENOMINAÇÃO
«ALGARVE»

Foi verdadeiramente envolta num clima festivo que decorreu, no transacto sábado, dia 13 do corrente a cerimónia do baptismo da auto-escada «Magirus», que dias antes, pelos seus próprios meios e conduzida por uma deputação dos Bombeiros locais, chegara de OHL, Alemanha, culminando assim uma prolongada fase de negociações.

Para que tudo conjugasse da melhor maneira até o dia, de matiz primaveril, timbrou em associar-se à significativa efeméride que por certo ficará assinalada como fristante nos anais desta voluntariosa vila.

Compreensível a todos os títulos, o aparato e a ostentação com que Loulé resolveu emoldurar a

circunstância: com efeito a auto-escada «Magirus», é um sofisticado e aperfeiçoado equipamento de que a Corporação dos Bombeiros locais muito se orgulha, basta dizer-se que no País só existem mais quatro protótipos similares.

Tal como previsto pelo programa delineado, a concentração com formatura das Corporações de Bombeiros do Algarve, junto do Monumento a Duarte Pacheco ocorreu cerca das 14 horas.

Ali, naquele local, formaram portanto, as Corporações dos Bombeiros de Vila Real de Santo António, Tavira, S. Brás de Alportel, Olhão, Municipais e Voluntários de Faro e fanfarras, Albufeira, Sil-

(continua na pág. 3)

CARTA DE UM JOVEM DE 23 ANOS QUE HÁ 3 MESES EMIGROU PARA OS E. U. A.

O Luís Alberto é um dos muitos milhares de jovens portugueses que, desiludidos com as poucas perspectivas que o seu país lhes oferece como esperança de um futuro desafogado e feliz, decidiu tentar a sorte num país estrangeiro onde o gosto pelo tra-

balho seja seguro aval de um destino mais risonho.

Escolheu os Estados Unidos e sente-se feliz por isso. Daí a razão porque escreveu animadora carta a um amigo, o qual entendeu por bem que aquela missiva merecia larga divulgação entre os leitores deste jornal. Sugeriu-nos por isso a sua publicação.

É o que fazemos a seguir:

Amigo Zé Manuel:

Estou a escrever-te às onze e meia da noite, depois de mais um dia de trabalho. Devo explicar-te que arranji emprego numa Lavagem Automática de Automóveis. Também já tenho um apartamento com as comodidades fundamentais e, sinceramente, estou satisfeito com a forma como as coisas me têm corrido.

Em todo o caso, o passo mais importante da minha aventura já eu dei: foi ter saído daí. Agora encaro o mundo sob outro prisma. Ai, em Portugal, as carreiras dos indivíduos estão limitadas às mesquinhas burocráticas e sócio-pessoais. Aqui tudo está ao alcance de toda a gente. Cada um será justamente aquilo que se propôs ser. Existem cá

(continua na pág. 2)

ESTÁ JÁ NA FORJA O CARNAVAL DE LOULÉ / 79

Na peugada de antigas tradições que importa consolidar, está já na forja e prepara-se para mais uma edição sensacional o Carnaval de Loulé/79, que de ano para ano averba, por mérito patenteado, crescente nomeada.

ADIADO

MAS NÃO CANCELADO

o III Encontro de Jornais

Algarvios

Segundo comunicado recebido do jornal «O Sporting O'hanense», o III Encontro de Jornais Algarvios, cuja realização estava marcada para 27 de Janeiro próximo, sofreu um adiamento para data a divulgar oportunamente.

Pelo que nos foi dado saber, levantaram-se, inesperadamente,

(continua na pág. 2)

A Assembleia da República
já aprovou a criação
da UNIVERSIDADE DO ALGARVE

(No próximo número faremos comentários a este acontecimento).

CARTA DE UM JOVEM DE 23 ANOS que há 3 meses emigrou para os E.U.A.

(continuação da pág. 1)
muitos vagabundos e mendigos, mas até esses são no por vocação. Não é por falta de oportunidade de serem algo diferente.

Os minutos aqui são preciosos. As pessoas correm continuamente. Produz-se. Trabalha-se. E por isso, só por isso, os Estados Unidos são um grande país.

Nós aí em Portugal vivemos embalados numa bebedeira de tédio que só serve para levar a qualidade de vida a um nível cada vez mais miserável. A tal miséria dourada de que o António Aleixo fala. E só por comparação é que eu atingi essa lúcida realidade.

A minha ideia é continuar aqui os estudos que aí nesse pobre país eu não pude concretizar. Já me matriculei numa escola e ando a preparar os textos para a equivalência americana do 7.º ano português e que aqui é chamado High School. Entretanto estou-me empenhando a fundo na aprendizagem da língua que é, como sabes, a base para qualquer iniciativa.

N. Y., 21-11-78

LUIS GONÇALVES

★

Se bem que a carta que reproduzimos acima o dispensasse, pela nota de simplicidade e cristalinidade como descreve uma situação, o facto é que não resistimos a um pequeno comentário.

Umas linhas que bem poderão ser o seguimento de vários parágrafos, a saber:

Primeiro, o do extremo estado de pobreza económica e moral a que chegou um País, onde os indivíduos mais válidos (e nós sabemos quanto vale o Luís Alberto) se desesperaram de tal forma, perante a ditadura da idiotice e da incompetência, do caos e da anarquia que ditam leis entre nós, que preferem arriscar tudo, mas sair, custe o que custar daqui para fora.

Que belo exemplo para estampar na cara de certos revolucionários, e não só, que não se cansaram de apregoar ter-se o 25 de Abril feito para proporcionar o regresso dos emigrantes a Portugal e amaldiçoar os países «exploradores» que lá fora deram e dão o pão aos nossos trabalhadores. Afinal, quem explora quem? Vão contar histórias da Carochinha para outra parte!...

Segundo parágrafo, e breve. A América, esse «papão», esse «imperialismo», essa «reaccionária» América, até parece que é mesmo um grande País.

Quem o diz, não somos nós, que nunca lá fomos. É a voz dos nossos emigrantes, dos nossos compatriotas, quem fala, e nos dão o seu testemunho com o conhecimento e a autoridade da razão. Há vagabundos, há! Há vândios, também! Mas esses, são-no por vocação. Lá, como aqui! E como são tantos em Portugal!...

F. A.

Adiado mas não cancelado o III Encontro de Jornais Algarvios

(continuação da pág. 1)
por motivos alheios à vontade do órgão de comunicação promotor, dificuldades advindas da falta de inscrição até 10 de Janeiro passado da maior parte dos jornais da zona algarvia, não atingindo o número de adesões manifestadas o mínimo de dois terços necessários a uma representação válida e inofensiva.

Nesta conformidade o Jornal «O Sporting Ohamense», viu-se obrigado a prorrogar o prazo às inscrições, reservando-se do direito, depois de obtidas respostas positivas suficientes, de fixar nova data para o III Encontro de Jornais Algarvios, que será então de carácter irrevogável.

evitará como é óbvio, deslocações e demoras na estação ferroviária de Loulé-Gare, a fim de levantar ou expedir encomendas transportadas por via férrea.

Desde há muito tempo que Loulé merecia ter este serviço combinado com a Estação de caminho de ferro.

NOVO SERVIÇO COMBINADO de ligação à Estação de Loulé

(continuação da pág. 1)

ou para qualquer localidade guardada de camionagem combinada.

Como é de depreender, a nova modalidade redundará em grande benefício para esta vila, ou para quem deles venha a utilizar-se, pois

GUIMARÃES & SILVA, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria
Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 2 do mês corrente, lavrada de fls. 114 a 115, v.º, do livro n.º A-56, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre António Ribeiro Fernandes Guimarães e António da Silva Coelho, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Guimarães & Silva, Lda.», e terá a sua sede na Avenida Infante de Sagres, n.º 35, r/c, esq., na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé.

2.º — Durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir desta no exercício da actividade data. O seu objecto consiste da construção civil, por conta própria ou através de empreitada, na indústria de materiais para construção civil e comercialização dos mesmos, podendo explorar quaisquer ramos de comércio ou indústria permitidos por lei.

3.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro é de 400 000\$00, dividido em duas quotas de 200 000\$00, por tententes uma a cada um dos sócios.

4.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes com a remuneração que vier a ser fixada em Assembleia Geral.

§ 1.º — Para obrigar validamente a sociedade é sempre necessária a assinatura de dois sócios, podendo contudo, os actos de mere expediente ser assinados por qualquer deles.

§ 2.º — A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações,

letras de favor e outros semelhantes.

5.º — Não são exigíveis prestações suplementares ao capital social, mas os sócios poderão fazer os suprimentos de que a Caixa Social careça, nas condições acordadas em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito.

6.º — É livre entre os sócios a cessão de quotas, no todo ou em parte.

7.º — A cessão de quotas só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da sociedade, à qual é sempre reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios em segundo.

§ Único — Para a concretização deste direito deverá

a cessão ser comunicada à sociedade e a cada um dos sócios, por carta registada com aviso de recepção, ficando desde já estabelecido que o preço corresponderá ao valor nominal da quota acrescido do valor da existência e fundos de reserva da sociedade.

8.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, a reunião das Assembleias Gerais, serão convocadas por carta registada dirigida aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 8 de Janeiro de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria
Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 11 do mês corrente, lavrada de fls. 146 a 147, v.º, do livro n.º A-56, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de José Francisco Camacho, ocorrido no dia 20 de Outubro do ano findo, no Hospital Distrital de Faro, freguesia da Sé, da cidade de Faro, natural da freguesia de Pedrógão, concelho da Vidigueira, habitualmente residente na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, no estado de casado, em segundas núpcias de ambos e segundo o regime de separação de bens, com Amélia Luísa Gomes Camacho, actualmente sua viúva, natural da freguesia e concelho de Ferreira do Alentejo, residente na Rua João de Deus, da aludida povoação de Quarteira, que não deixou testamento, foram habilitados como seus herdeiros.

A) — Sua mulher, a referida Amélia Luísa Gomes Camacho; e

B) — Seus filhos, havidos do seu anterior casamento, com Francisco Maria Calhau, não havendo do seu segundo casamento, quaisquer descendentes:

a) — Maria Gertrudes Calhau Camacho da Luz, casada segundo o regime da comunhão de adquiridos, com João dos Santos da Luz, natural da freguesia dita de Pedrógão, residente no sítio de Cotovia, freguesia e concelho de Sesimbra;

b) — António Calhau Camacho, casado segundo o mesmo regime de bens, com Amélia do Carmo Palhas Marques Camacho, natural e residente na povoação e freguesia dita de Pedrógão;

c) — Joaquim Calhau Camacho, casado segundo idêntico regime de bens, com Luzia Jerónima Ferreira Camacho, natural da freguesia dita de Pedrógão, residente no sítio da Lapa, freguesia e concelho do Cartaxo.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Janeiro de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Lutadores anti-fascistas e outros

Há vários lutadores: anti-fascistas, anti-terroristas, de luta greco-romana, etc. Uma coisa é certa: após a luta vem o cansaço.

Para vencer o cansaço, durma num colchão EPEDA ou Delta Loc, ambos com garantia «Spring Springmark».

Adquira-os na CASA SIMÃO, na Av. Marçal Pacheco (10-9)

MOBÍLIAS — MOBÍLIAS

MOBÍLIAS DE ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

Grande stock de móveis em todos os estilos,
lustres, candeeiros e alcatifas

CASA SIMÃO A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA. — Telef. 62110

Exposição e Venda:

Av. Marçal Pacheco, 34 e 33 a 51

Salão de Exposição:

Praça da República, 8

Depósitos:

R. General Humberto Delgado e na R. Manuel Guerreiro Pereira em Loulé.

(10-4)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

Loulé assistiu exultante AO BAPTISMO DA AUTO-ESCALADA «MAGIRUS»

(continuação da pág. 1)
ves, S. Bartolomeu de Messines, Portimão, Lagos, Algezur, Monchique e Loulé encabeçadas pelos respectivos Comandantes, Sérgio Baptista, José Filipe Ribeiro, Gouveia, João Nogueira, Ten. Cor. Bernardino dos Santos, Armando Romão, Carlos Duque, Hernâni, Vargas Mogo, Alberto da Conceição, Cascada, Carolino, Monteiro e Carlos Leal.

Presentes à solenidade numerosas entidades oficiais, civis e religiosas, dentre as quais destacamos, em representação do Secretário de Estado, o Director do Fundo do Turismo Dr. Figueiredo Prazeres, em representação do Governador Civil de Faro (ausente em Évora, na reunião de Governadores Cíveis) o presidente da Câmara Municipal de Loulé, Andrade de Sousa, o Bispo da Diocese de Faro D. Ernesto Gonçalves Costa, deputados à Assembleia da República pelo círculo do Algarve, presidentes das Câmaras da Vila Real de Sto. António, Tavira, Olhão, Castro Marim, Alcoutim, S. Brás de Alportel, Albufeira, Silves, Monchique, Lagoa, Portimão, Lagos, Vila do Bispo, Aljezur e Faro, toda a vereação louletana, componentes da Assembleia Municipal de Loulé, inspetor de incêndios da Zona Sul Ten. Cor. Teixeira Coelho, Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses Dr. Vítor Milícias e presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho de Loulé.

Depois da recepção às entidades convidadas, foi passada a revista às corporações em parada, pelo Dr. Figueiredo Prazeres, acompanhado pelo Presidente da Câmara de Loulé, Andrade de Sousa e Comandante dos Bombeiros Municipais de Loulé, Carlos Leal.

De seguida, em alusão ao relevante acontecimento, Sua Ex.ª Rev.ª o Bispo do Algarve, D. Ernesto Gonçalves Costa, proferiu uma fluente e lapidária alocução, procedendo depois à bênção da auto-escada finda a qual se descerrou a placa afixada ao veículo, que simbolicamente ostenta a denominação «Algarve».

Usou também da palavra, tendo a propósito alguns considerandos e exortando os Bombeiros locais, o presidente da Câmara Municipal de Loulé, Andrade de Sousa.

Na sequência da programação, deram-se cumprimento aos exercícios demonstrativos da capacidade operacional da escada «Magirus», com simulacros de combate a incêndios e salvamentos de sinistrados em prédios de grande porte. Paralelamente, foram exibidos outros processos de salvamento, que possibilitaram a apreciação das vantagens da nova viatura e a comparação de dois tipos de salvamento (um por intermédio da convencional e antiquada manga de salvação e outro, por intermédio da escada «Magirus»).

A todos, foi dado observar o desembaraço e a destreza evidenciados pela equipa constituída por elementos dos Bombeiros de Loulé,

que num curto lapso de tempo já operam de forma modelar com a escada «Magirus».

A coroar o ciclo das cerimónias teve lugar um luzido cortejo que percorreu as principais artérias de Loulé, no qual participaram cerca de 250 homens das várias Corporações de Bombeiros do Algarve, ali representadas e 50 viaturas.

A abrir o desfile e a conceder-lhe suplementar feição marcial, tomaram lugar os duas fanfarras dos Bombeiros Municipais e Bombeiros Voluntários de Faro, seguindo na cauda a escada «Magirus».

Frete aos Paços do Concelho de Loulé, esteve em exposição ao público a referida escada, onde uma equipa da Corporação, prestou esclarecimentos técnicos sobre os impressionantes atributos da aperfeiçoada viatura.

A noite, em complemento extra-programa, houve no Casino de Vilamoura um jantar oferecido pela Comissão Regional de Turismo do Algarve e Casinos do Algarve, que reuniu, em confraternização, grande parte das entidades antes referidas.

Simbolicamente, a auto-escada (de marca «Magirus-Deutz»), passou a designar-se, onomasticamente, de «Algarve».

E não deixa de lhe assentar o apelativo com propriedade e justiça.

É que este sofisticado veículo, que vai na vanguarda de escadas giratórias, com que os prestimosos Bombeiros Municipais de Loulé foram dotados, fica ao dispor e ao serviço de toda a zona algarvia, ponto a acorrer a qualquer ponto que seja exigida a sua acção de combate a incêndios e de salvamento de vidas humanas.

Entre a gama de manobras que a «Magirus» oferece, conta-se a sua capacidade de elevação, que atinge a altura máxima de 30 metros e conforme os ângulos de inclinação o seu poder de carga. Deste modo a 20 graus de inclinação a escada suporta o peso de 1500 kg, a 30 graus 2000 kg, a 40 graus 2500 kg, a 50 e 60 graus 3000 kg.

Oportunamente, e em desenvolvimento mais pormenorizado, forneceremos mais esclarecimento sobre este poderoso e engenhoso meio de intervenção.

Uma referência especial merece, no entanto a Corporação dos Bombeiros de Loulé, que agora mais apta e eficaz está para prosseguir na sua abnegada e estóica missão humanitária.

Dispõe doravante de equipamento mais eficiente, sem dúvida, que servirá exclusivamente de socorro a quem dele necessitar.

Independentemente da qualidade da «ferramenta» com que está dotada, a Corporação assenta ainda assim, primordialmente, no valor humano: na determinação, no espírito altruísta, nas qualidades de adaptação, na disponibilidade nunca negada, no destemor dos seus elementos.

É deste factor humano que de-

pende muito a capacidade de resposta do equipamento por muito avançado que seja.

A conjugação dos préstimos, humanos e mecânicos, assume papel preponderante, que cabe realçar.

Não subestimando as funções dos homens da paz, é deles que dependerá sempre, em última instância, o rescaldo positivo do seu poder neutralizador, devidamente enquadrado.

Neste caso, os Bombeiros Municipais de Loulé, podem justamente considerarem-se como paladinos da causa que defendem, vindo a escada «Magirus» reforçar substancialmente os seus predicados, tão amplamente constatados.

Estão os Bombeiros Municipais de Loulé de parabéns!

De igual modo Loulé e o Algarve!

J. C. VIEGAS

AMEIXIAL PROGRIDE...

Aldeia do Ameixial,
A primeira terra algarvia,
Continua sem água e luz,
E as ruas uma porcaria!

Se a terra está aumentada,
Isso é grande fantasia!
A água é turva, não presta,
Quanto à luz, virá um dia...

Se duvidam da conversa,
A aldeia é pra se ver,
É com obras e não artigos,
Que isto se deve fazer.

O mais importante que temos,
Feito por gente mesquinha,
É um lavadouro a seco,
Pra se lavar a roupinhal

O trabalho não está feito,
O dinheiro desapareceu;
Sim! Há melhoramentos,
Na casa de quem o comeu!

Uma Serrana

QUINTAROLA

Casal responsável deseja (área de Faro, Loulé, S. Brás) — Administrar, tomar de renda ou trocar por moradia pequena mas funcional, cidade da Coimbra, com facilidades em possíveis tornas.

Carta pormenorizada a R. Afonso Albuquerque, 39 — Coimbra (2-1)

EMPREGADA

Oferece-se, de 44 anos, com experiência de trabalho para ajudante de pastelaria, comércio ou indústria.

Nesta redacção se informa. (3-3)

PROPRIEDADE VENDE-SE

Com 86 000 m² e árvores de fruto, situada na Campina de Baixo.

Informa José Martins Antão — Patã de Baixo — BOLIQUÊME — Telef. 66371.

COMPRA-SE FURGONETA

Tipo misto em bom estado, a gasóleo.
Informa Telef. 62967 — LOULÉ.

(3-3)

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-104, de fls. 116, v. a 118, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual Aldemiro da Silva, solteiro, maior, residente nesta vila, se declarou dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Urbano, térreo, destinado a habitação constituído por um compartimento — sob a varanda do prédio urbano inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número três mil trezentos e trinta e quatro — situado na Rua Sá de Miranda (antiga Rua João Fernandes), desta vila e freguesia de São Clemente, confrontando do norte com Armando Lázaro dos Ramos, do sul com a dita Rua Sá de Miranda e do nascente com Bento Guerreiro Matos Lima, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número quinhentos e oitenta, com o valor matricial de dois mil quinhentos e vinte escudos e o declarado de quinze mil escudos;

Que é titular da respectiva inscrição matricial, sua mãe Silvina Fernandes da Silva, que foi residente nesta vila de Loulé, de quem o mesmo proveio; — com efeito,

O prédio supra descrito pertence-lhe por lhe ter sido doado, por sua mãe, a referida Silvina Fernandes da Silva, já ao tempo viúva, em data imprecisa mas, que sabe ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e seis, sem qualquer reserva ou encargo e por forças da sua quota disponível, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; sendo também certo,

Que desde a referida data, portanto, há mais de trinta anos, sempre tem vindo a possuir o prédio supra descrito, em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente,

sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriu por usucapião; e

Que o prédio cujo direito ora acaba de justificar pertencia a sua mãe, por lhe ter sido doado por Maria dos Prazeres Guerreiro Barros, em dezoito de Fevereiro de mil novecentos e quarenta e quatro, através da escritura lavrada a folhas noventa e nove, verso, do livro número noventa e oito-B, de notas para escrituras de valor não superior a mil escudos, excepto partilhas, da antiga secção desta Secretaria, actual Segundo Cartório, tendo a doadora falecido em três de Abril do mesmo ano de mil novecentos e quarenta e quatro.

Que em face do exposto não tem ele justificante possibilidade de comprovar o seu direito de propriedade perfeita sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de
Loulé, 18 de Janeiro de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

A Voz de Loulé, n.º 711 de 25-1-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

2.ª Secção

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando JOSÉ GUERREIRO, ausente em parte incerta de França e cuja última morada conhecida foi na Rua Frei Joaquim de Loulé, 73, Loulé, para, no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de findo o dos éditos, contestar a acção de divórcio, com pedido de benefício da assistência judiciária, movida pela sua mulher Aurélia Maria Leal Nunes, residente naquela morada, com o fundamento constante da respectiva petição inicial cujo duplicado lhe será entregue quando solicitado.

Loulé, 10 de Janeiro de 1979.

O Juiz de Direito,
Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,
João-Maria Martins da Silva

NECESSITA

TIRAR FOTOCÓPIAS

DE CERTIDÕES, BILHETES DE IDENTIDADE,

LIVROS, OBJECTOS, ETC., ETC.?

DIRIJA-SE AO

QUIOSQUE «ELE E ELA» (frente ao Correio) —

LOULÉ

GRUTAS DE MIRA D'AIRE

Um encanto que encanta

Recentemente realizou-se em Albufeira a I Feira de Turismo do Algarve e aí encontramos o sr. Luís Marques Calamba que nos falou da sua terra com aquele entusiasmo e aquela vivacidade que só os verdadeiros bairristas sabem exteriorizar.

E falou-nos principalmente das «suas» Grutas de Mira d'Aire, uma obra prodigiosa da Natureza, mas que a mão do homem valorizou e embelezou de tal forma que hoje é o orgulho dos habitantes da região. E têm razões de sobra para se orgulharem, porque se trata de uma iniciativa comum de centenas de pessoas, que se organizaram em cooperativa com o objectivo de reunir fundos para explorar uma autêntica mina que a Natureza avaramente guardava há milénios nas profundezas do seu seio.

Descobertas ocasionalmente por uma criança, quando perseguia uma ave, as Grutas de Mira d'Aire, são como que um monumento nacional que a Natureza oferece aos visitantes como obra feita a capricho para deleite dos nossos olhos e dos espíritos ávidos de beleza. Beleza que a mão do homem valorizou extraordinariamente, dando-lhe novos cambiantes de luz, de cor e som, numa magistral sinfonia de raro encanto que prende a atenção de qualquer visitante.

E se o sr. Luís Calamba, é um homem que está ligado a um arrojado empreendimento, em que centenas de residentes da região arriscaram milhares de contos (soñando com o progresso da sua terra) naturalmente que tem fortes razões para se sentir orgulhoso da sua terra, das suas gentes e das «suas» Grutas.

(Sabe-se, por exemplo, que no concelho de Loulé há grutas que merecem ser exploradas e abertas ao público e no entanto não se vê quem se interesse por esse problema).

Nas suas digressões pelo Norte, muitos algarvios fazem das Grutas de Mira d'Aire ponto de passagem obrigatório para apreciarem as maravilhosas Grutas e o soberbo e tão raro espectáculo, que dificilmente no resto do Mundo (na opinião de pessoas viajadas) algo de semelhante, porque ali tudo foi estudado com esmero: caminhos, iluminação, efeitos de luz, aproveitamento das águas, nuances de cor, etc. De salientar ainda que Mira d'Aire se situa próximo das Grutas de Alvados e de Santo António e faz parte do conhecido e já famoso triângulo turístico, formado por Fátima, Leiria Batalha, Nazaré, Alcobaca e Senterém.

As grutas de Mira d'Aire têm uma extensão conhecida de 4000 metros e visitável de 700 e situam-se a 110 metros de profundidade. Estão abertas durante todo o ano e são muito visitadas por algarvios, porque o nosso prezado amigo, Poças se desloca ao Algarve com alguma frequência para fazer propaganda de uma obra que também é fruto do seu trabalho exaustivo, da sua dedicação à terra natal e entusiástica paixão pela divulgação das belezas naturais das Grutas de Mira d'Aire, as quais foram descobertas em 27 de Julho, de 1947, mas só em Setembro de 1953 foi possível conhecer totalmente o percurso hoje aberto ao público.

No entanto, só em 1971, se constituiu a Sociedade Concessionária que, vencendo os obstáculos naturais, abrindo túneis, saltando precipícios, dando luz e som à beleza inanimada, pode agora oferecer ao turista a rota deslumbrante do mundo das esclatantes:

— A «Sa'a Grande» (1.º Poço) e a sua imponência.

— A «Sa'a Vermelha» e a magia da cor.

— O cintilar da «Joa'haria».

— A Cúpula Majestosa do «2.º Poço» e a descida abrupta até à «Galeria». Depois, o serpentear por centenas de metros e a revelação de estranhas e variadíssimas formações calcárias, como a «Alforreca» e os «Pequenos Lagos», o «marciano», a «Boca do Inferno», cujas águas saltitando na cascata se juntam às do «Grande Lago». Aqui, em apoteose feérica, o «Grande Espectáculo Final da Água, da Luz e do Som».

A. Pinto Barros, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 8 do mês corrente, lavrada de fls. 68, v.º, a 69 v.º, do livro n.º B-104, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede no rés-do-chão, com os n.ºs 32 e 34 de polícia, na Praça da República, desta vila e freguesia de S. Clemente, que girava sob a firma de «A. Pinto Barris, Lda.», partilhados os haveres sociais, encontrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme. S.

Secretaria Notarial de Loulé, 10 de Janeiro de 1979.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

ERA UMA VEZ...

— 15 —

Era uma vez um galo a quem foi dado o gaoverno numa capoeira.

Estava esta muito desorganizada, porque muito tempo havia que não tinha governo.

As galinhas — e eram muitas — andavam divididas em grupos e grupelhos, com amores particulares e antipatias, que chegavam a ódios. Zangavam-se, ralhavam, descompunham-se, inutilizavam a comida e a bebida umas das outras. Eu sei lá...

É verdade que, forçadas da necessidade, lá iam pondo ovos, mas isso remissamente, descuidadamente, onde quer que calhava, e elas mesmas, no seu desleixo, os partiam com os pés, quando não eram as vizinhas que os viñham de propósito quebrar só pelo gosto de fazer mal.

Gente nova não tinha aparecido na capoeira, pois se nem tinha havido quem fosse pai.

Foi um trabalho difícil disciplinar e pôr ordem naquele pandemónio. Mas, à custa de muita prudência, muita dedicação, muito tino governativo, a casa foi-se arrumando. Conseguiu o galo fazer-se respeitar porque era não só justo mas também compreensivo e caritativo. Fez desaparecer aqueles ódios e rancores (aí! quanto custou!) e as galinhas, embora mantendo a sua personalidade e modos próprios de ver as coisas, acabaram de ser capazes de se entenderem umas às outras, de dialogarem, de trabalharem em comum. A república galinácea progredia a olhos vistos.

Daí a pouco até dava gosto ver a abundância de pintalinhos que animavam a capoeira! Como as mães galinhas andavam todas a rever-se nos seus pimpolhos! E o pai galo não sentiu menos satisfação.

Mas um dia o chefe adoeceu. Esteve mesmo à morte. E a sua falta trouxe a perturbação à família. Houve quem lhe fizesse sentir e chegara mesmo a sugerir que pedisse a exoneração e substituição por quem pudesse, com mais saúde e vigor, desempenhar aquele ofício.

— Não tenham receio. Quando eu sentir que já não presto, que já não estou em boa forma, seirei o primeiro a demitir-me e a pedir que me substituam.

Mas o certo é que, embora recuperasse a saúde, já não voltou a ter a actividade própria dos anos moços. O seu governo tornou-se menos eficiente. Chegou

mesmo a arrastar as pernas e a andar de asas caídas. Mas não via que era tempo.

As galinhas começaram a dividir-se em dois bandos. Dum lado as que se lembravam da paz e da ordem que o galo impusera e lhe estavam gratas por isso e lhe queriam suavizar os anos da velhice. Do outro, as que não sabiam perdoar as imperfeições alheias e as que não suportavam a autoridade — dois extremismos opostos mas que se confluíram, como de costume, para deitar abaixo a autoridade moderada e moderadora.

A dona do galinheiro acabou por intervir e, lembrada da velha regra «aos aflitos não deve aumentar-se a aflicção», não o destituiu (a carne do galo estava já tão dura que não havia pane'a nem fogo que a cozesse), mas deu-lhe um auxiliar jovem, que levasse maior peso da função, podendo ele descansar um pouco.

O pior é que as galinhas já divididas se puseram ao lado do chefe velho, que não fora destituído, e as outras, as reformistas, quiseram fazer seu embaixado o chefe auxiliar e, ainda que este, prudentemente, nada quisesse fazer sem a provocação e o conselho do seu superior, desenhava-se um certo mal-estar que convinha remediar.

Mas como? Suicidar-se o velho galo, ou deixar-se definir de fome e de tristeza? Não, que a vida é sagrada e dom de Deus.

Abandonar ele o galinheiro, a que o ligavam tantos laços afectivos, tantas recordações agradáveis? Era doloroso e parecia-lhe uma deserção, quando a sua só presença ainda podia impôr algum respeito e conter na obediência as que o estimavam.

Volta ao estado antigo e prescindir do ajudante? Não, não só porque era vontade da dona, que ali o pusera, mas também porque sabia que lhe falta aquele auxiliar nos casos difíceis.

Que fazer, pois? Depois de muito meditar, veio a resolução, simples, como todas as grandes resoluções, mas que era o grande remédio: galo velho e galo novo trataram de andar sempre unidos como se fossem um só, combinando em comum todas as ordens, confirmando um o que o outro tinha determinado e mandado fazer no galinheiro. Chamaram as galinhas todas a uma grande assembleia. Expuseram com convicção as razões que exigiam a necessidade da união, os benefícios que essa união, não imposta pela força, mas abraçada por amor, lhes traria; deram exemplo de mútuo entendimento e estima.

Procuraram fazer desaparecer os mexericos, os boatos, a que algumas galinhas davam o rótulo de liberdade e objectividade da informação, mas que era o maior veículo da desordem.

Dentro de pouco, reinava a paz na capoeira.

são filhas do desprezo de autoridade legítima que, às vezes, se procura jogar com os modos pessoais de ser dos investidos em autoridade para os lançar uns contra os outros e assim justificar a desobediência? E que minimizar a autoridade dos chefes, sobretudo dos mais responsáveis, é cavar a ruína da sociedade?

E na Igreja? Não se diga que Ela é indestrutível, pela assistência divina, e que, por isso, não faz mal agita-la. A Igreja é de facto indefectível, como tal, mas não está livre de ser aniquilada numa determinada região. Vejamos o que aconteceu às florescentes cristandades do Norte de África e o que sucede às cristandades, ainda que menos florescentes, do Norte da Europa. E, ainda que a Igreja não viesse a desaparecer da nossa terra, as almas perturbadas e assim atiradas para a dúvida e para a incredulidade não contam? Temos conhecimento de muitos que os infelizes cadernos da GEDOC e de outros grupos contestatários levaram à perda da Fé.

J. C.

O QUE O FILHO PENSA DO PAI

Aos 7 anos:

O pai é um sábio.

Aos 14 anos:

Parece que o pai se engana em certas coisas que me diz.

Aos 20 anos:

O pai está um pouco atrasado em suas teorias; não são desta época.

Aos 25 anos:

O velho não sabe nada... está condenado... decididamente...

Aos 35 anos:

Com a minha experiência, meu pai nessa idade seria um milionário.

Aos 45 anos:

Não sei se «consulte» o velho neste assunto: talvez me pudesse aconselhar.

Aos 50 anos:

Que pena ter morrido «o velho»! A verdade é que tinha umas ideias notáveis.

Aos 55 anos:

Pobre pai... era um sábio... como lastimo tê-lo compreendido tão tarde!

MORAL:

OUVE SEMPRE O CONSELHO DO TEU PAI...

PRÉDIO - VENDE-SE

De rés-do-chão e 1.º andar, com garagem, na Av. José Costa Mealha.

Tratar pelo Telef. 63145 — LOULÉ.

COMPRO

Ouro, pratas, relógios de bolso antigos e moedas. PAGO BEM.

Ouriversaria Dinis — Telf. 65527 — QUARTEIRA.

(12-2)

TRACTOR

Vende-se tractor Ferguson em bom estado.

Tratar José Manuel Rodrigues — Rua Gonçalo Velho, 55-2.º, Esq.º — Telef. 65427 — QUARTEIRA.

MOTORISTA

Precisa-se de motorista com carta de pesados.

Tratar pelo Telefone 62482 — LOULÉ.

(2-2)

PRECISA-SE

Habitação para casal em Quarteira, Almansil, Loulé, ou arredores. Contactar com Amílcar Lagartinho, no Banco Consecas & Burnay em Quarteira.

(3-3)

(3-3)

CANTINHO DA CRIANÇA

É por intermédio deste jornal que o «Cantinho da Criança» começa a sair a lume, com regularidade possível durante o ano em curso, que é afinal o Ano Internacional da Criança, o ano que te pertence.

Tens, assim, um lugar próprio que merece dos mais crescidos a distinção que te é devida.

Para celebrar o Ano da Criança coloca este jornal, ao teu dispor um «Cantinho», onde podes expandir as tuas ideias, onde te podes manifestar em suma, sem constrangimentos ou timidez.

ANO DE 1979

— Ano Internacional da Criança

«OS DIREITOS DA CRIANÇA»

1 «A criança»

Toda a criança,
Seja de que raça for,
Seja negra, branca, vermelha, amarela,
Seja rapariga ou rapaz,
Fale que língua falar,
Acredite no que acreditar,
Pense o que pensar,
Tenha nascido seja onde for,
Ela tem direito...

2 ...A ser para o homem a
Razão primeira da sua luta,
O homem vai proteger a criança
Com leis, ternura, cuidados
Que a tornem livre, feliz,
Pois só é livre, feliz,
Quem pode deixar crescer
Um corpo sã,
Quem pode deixar descobrir
Livramento
O coração
E o pensamento.

Este nascer, crescer e viver assim
Chama-se dignidade.
E em dignidade vamos
Querer que a criança
Nasça,
Cresça,
Viva...

E a criança vai aprender a crescer.
Todos temos de a ajudar!
Todos!
Os pais, a escola, todos nós!
E vamos ajudá-la a descobrir-se a si própria
E os outros.
Descobrir o seu mundo,
A sua força,
O seu amor,
Ela vai aprender a viver
Com ela própria
E com os outros:
Vai aprender a fraternidade,
A fazer fraternidade.
Isto chama-se educar.
Saber isto é aprender a ensinar.

(in «Os Direitos da Criança»
de Matilde Rosa Araújo)

Encontrarás nele oportunidades de entretenimento e de conversa, pois como interlocutor, digno da melhor atenção, também podes colaborar de forma destacada.

Como orientadora e compiladora deste «Cantinho», que doravante (escusado será dizê-lo) espera a tua participação) está uma pessoa que conhece as tuas aspirações em botão, que te compreende e tributa muita simpatia: a Dr.ª Idália Farinho Custódio, que é professora e com quem o «Cantinho» conta prosseguir.

Para além das palavras que te

são endereçadas outras, que não só nossas, pretendemos recolher. Poderão ser as tuas, se quiseres e assim o entenderes.

Nós esperamos por ti.

J. C. VIEGAS

O PALHAÇO ARCO-ÍRIS...

(Uma mensagem de alegria e de amor enviada por um palhaço a todos as crianças).

Aí vem e!el
O palhaço arco-íris...
Traz um chapéu encarnado
uma canção azul
e um coração de cambraia.
A sua cara é a tela de um pintor:
tem uma pinta amarela
uma pinta verde
uma pinta violeta
uma pinta cor de laranja
uma pinta cor de anil.

É o palhaço arco-íris:
é a noite e o dia
é a flor azul de Janeiro
é a rosa branca do outeiro
é o cravo de alegria
é o vinho de Abril
é a comicidade pública
é um beijo mil.

Aí vem e!el
O palhaço arco-íris...
conversa com os meninos
pisca-lhes os olhos
e faz-lhes caretas.
O seu coração tem um tinteiro de
alegria

e pinta uma gargalhada
em cada coração colorido.

No fim do espectáculo
distribui beijos e bolas de sabão
e vai adormecer
na cama do sonho colorido...
e no seu coração
rebola uma lágrima sem cor...

É o palhaço arco-íris...

IDÁLIA FARINHO CUSTÓDIO

Club Albufeira Holidays é notícia

Está sobejamente comprovado que, o facto de o Algarve possuir um maravilhoso clima, lindas paisagens, belas praias e de ser banhado por tépidas águas do Atlântico, não é suficiente para fazer aumentar o fluxo turístico que convém ao futuro desta já famosa província sulina de Portugal.

O turista precisa de se entreter durante os seus dias de lazer, para não ficar estancado e sentir o tédio de estar enclausurado no hotel em dias de chuva.

Como desporto de inverno que o é o golfe é já por si uma poderosa distração para todos os praticantes e simpatizantes, mas não basta e por isso é necessário fazer mais e melhor.

Sem dúvida que a Comissão de Turismo do Algarve já muito tem feito nesse sentido, mas agora vai receber um forte apoio de uma nova organização de cunho privado e que se denomina: Clube Albufeira Holidays.

É propósito desta empresa criar estruturas de apoio que sirvam de complemento à oferta algarvia de períodos de férias e também com o objectivo de facilitar o prolongamento do período de férias.

O novo empreendimento, cuja principal finalidade é dinamizar actividades recreativas desportivas e culturais, situa-se no conhecido complexo do Rancho da Orada, nas imediações da vila-

NOTÍCIAS PESSOAIS

PARTIDAS E CHEGADAS

Em viagem de férias, passou alguns dias no Algarve, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso prezado assinante e amigo sr. Fernando Nabaís que, em Faro, foi dinâmico gestor turístico da «Nortun» e actualmente está ao serviço da firma de publicidade turística internacional Charles Seiler, de Geneve (Suíça), actuando na Alemanha Federal, Irlanda, Jugoslávia, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Inglaterra.

FALEÇIMENTOS

Após grave doença que se prolongou por cerca de 3 meses, faleceu em Loulé, no passado dia 14 de Janeiro, o nosso comprounciano, prezado amigo e assinante sr. Carlos da Graça Ramos, que contava 71 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Cecília Luísa da Silva Centeio Ramos.

O saudoso extinto era pai dos nossos estimados amigos, assinantes e conterrâneos srs. João José Centeio Ribeiro Ramos, funcionário do Banco Português do Atlântico em Lisboa, casado com a sr.ª D. Maria Heginia Correia Albino Ramos e do Dr. Frederico José Centeio Ramos, funcionário do Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa, casado com a sr.ª D. Maria da Luz Pereira Baptista Ramos e irmão do sr. José Nicolau Ramos, residente em Setúbal, casado com a sr.ª D. Ilda da Piedade Ramos e das sr.ªs D. Maria Alice da Graça Ramos e D. Isaura Leopoldina Ramos, casada com o sr. António Joaquim Felício e avô das meninas Maria João Correia Albino Ramos, Isabel Cristina Pereira das Neves Ramos e Paula Sofia Pereira das Neves Ramos.

Natural de Tavira, o sr. Carlos Ramos fixara residência em Loulé há 56 anos, trabalhando como guarda-livros da Moagem Louletana, Lda., de que era sócio-gerente seu pai sr. José Ribeiro Ramos. Era, portanto, pessoa muito conhecida no nosso meio e estimado pelas suas qualidades de trabalho, fino trato e lhanza de carácter.

— Em casa de sua residência em Loulé faleceu no passado dia

9 de Janeiro, o nosso conterrâneo sr. José Joaquim Batista que contava 79 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria da Glória do Brito.

O saudoso extinto era pai das sr.ªs D. Julieta Maria Brito Batista, casada com o sr. Francisco da Encarnação Esteves; D. Joaquina das Dóres Rosa, casada com o sr. Sebastião Fernandes e dos srs. Amândio de Brito Soares, Raul José Rodeia Soares, Joaquim Batista, António Soares, avô das sr.ªs D. Maria Clara de Brito Esteves, D. Francisca de Brito Soares, D. Maria da Conceição Fernandes, D. Maria da Encarnação Fernandes, D. Maria Angelina Fernandes, D. Lucrécia Maria Martins Sousa Soares, D. Maria José Martins Sousa Soares, D. Maria Manuela de Brito, D. Maria de Fátima Rodeia Soares, D. Julieta Augusta Rodeia Soares e do sr. Silvério de Brito Esteves, e Manuel Rodeia Soares.

As famílias enlutadas endereçam sentidas condolências.

Anais do Município de Faro-1978

Acusamos a recepção de dois exemplares dos «Anais do Município de Faro-1978», que, como já é de tradição a realçar, nos foram deferentemente ofertados.

A publicação que já vai na oitava edição, e que muito abona do espírito empreendedor da respectiva autarquia, é dirigida por José António Pinheiro da Rosa, contendo desta feita os seguintes capítulos: Secção Oficial (com elementos sobre a Assembleia, Câmara e Comissões, Relatório da gerência de 1977 Plano de actividades para 1978, Bases do Orçamento e Efemérides de 1977); Secção Cultural, que encerra vasta matéria a seguir indexados:

— Cidade (Apontamentos para a História das Fortificações da Praça de Faro, por Carlos Pereira Calixto; A Fortaleza de S. Lourenço da Barra de Faro e Fortes e Baterias dependentes da Praça de Faro);

— Museus e Municipais (Relatório dos trabalhos executados em Faro pelo pessoal do Museu Monográfico de Conímbriga de 3 a 14 de Maio de 1976);

— Biblioteca Municipal (História das Comemorações das Bodas de Diamante da Biblioteca — 1902-1977 — pelo sr. Director José António Pinheiro Rosa);

— Outros Estudos (Crónica da Conquista do Algarve, texto de 1792 — Comentários e notas de José Pedro Machado, Povoado Calcítico de Alcácer, Notícia da sua identificação, por José Morais Arnaud e Teresa Júdice Gamito).

Pela cortesia demonstrada, compete-nos agradecer e pelo esmero da publicação, uma vez mais alcançada e que é apanágio seu, as nossas felicitações.

Quando no Inverno há bonança

(Continuação da pág. 1)
firmamento fechar-se-á, de cenho carrancudo.

Enquanto, ainda vai restando um raio de sol e uma nesga de azul celeste, este episódio para-zigomar fô-ego, até que, de tréguas em tréguas, a Primavera surja vestida de galas, para remover as hibernais nostalgias e mitigar a natureza circundante.

Até que ela venha a tomar o seu lugar na escala das sucessões, ainda os serviços meteorológicos, não-de anotar as reviravoltas que o Inverno policia durante o seu reinado, que oxalá não seja excessivamente virulento e tão inclemente como até aqui, nas regiões nordestinas do País.

Aqui o Inverno é mais benigno e tolerante.

Valha-nos isso.

J. C.

ESTÁ JÁ NA FORJA O CARNAVAL DE LOULÉ/79

(Continuação da pág. 1)

alegóricos, que desfilarão pela artéria principal de Loulé, a Avenida José da Costa Mealha, de colorida e artística feitura, estão os seus promotores, Câmara Municipal e equipa colaboradora, a ultimar contactos tendentes a integrar nos gritantes festejos carnavalescos um bloco de sambistas brasileiros, provenientes da cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo.

Tudo indica que as conversações mantidas, com elementos preponderantes e influentes do Brasil, estão prestes a culminarem satisfatoriamente. Logo, portanto, que confirmada e garantida a vinda dos artistas brasileiros, forneceremos pormenores da sua participação, que se encontra já delineada.

Outas achegas, paralelamente

encontram-se também esboçadas, tal como, a exemplo, um concurso infantil de trajes de máscaras.

A única objecção observada consiste em que, perante a dimensão de organização que este festival comporta, os promotores cujo dinamismo é proverbial, se sentem absorvidos por completo pelas suas atribuições: uma autêntica maratona que exige muito esforço e dedicação.

Contamos, para a próxima edição, acrescentar mais pormenores dignos de interesse e nos anteriores, acompanhar a par e passo o andamento das etapas organizativas vencidas e em gestação.

Por certo não faltarão surpresas, inovações e minudências merecedoras de referência e que hão-de asseverar com antecedência quão animado vai ser o Carnaval de Loulé/79.

J. C. VIEGAS

APONTAMENTO

UMA CRISE DE EDUCAÇÃO

Vivemos numa época de descobertas e invenções científicas e técnicas, que tanto podem dar para o bem como para o mal.

No campo da energia atómica, por exemplo, podemos, com ela, pôr em funcionamento fábricas de electricidade e a navegar barcos de grande calado e submarinos. Mas também podemos fabricar bombas das mais mortíferas para a humanidade.

No que respeita à Rádio e à Televisão, os progressos são igualmente grandes, sobretudo no campo das comunicações, pois graças a elas, já ouvimos e vimos chegar o homem à Lua. Mas, com ela se podem dirigir mísseis intercontinentais e ver os seus estragos.

Tudo isto seria bom se o homem na sua ânsia insaciável de poder não utilizasse semelhantes forças, para impôr a sua vontade. É, no fundo, o homem lobo do homem, como diz o povo.

Fala-se muito nos direitos humanos, mas fazem-se deles ouvidos de mercador, quando não interessam, segundo e conforme a força e o poder de quem manda. Esta, é uma verdade que, infelizmente, vimos por toda a parte.

Para contrariar, todas estas infelicidades, impõe-se um esforço de educação colectiva e a nível mundial, a começar nos berços, passando pelas escolas, e acabando nos órgãos de comunicação.

A Voz de Loulé, n.º 711 de 25-1-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Por este Tribunal e na execução de sentença n.º 19-PA/78, que, na 2.ª Secção, Maria da Conceição Nunes, viúva, residente no Barrocal, Almancil, move contra MANUEL RODRIGO SILVESTRE e mulher LEODETE PINTO SILVESTRE, ausentes em parte incerta de França e cuja morada conhecida foi no referido sítio do Barrocal, correm editos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando os executadores para, no prazo de 5 dias, que começa a correr depois de findo o dos editos, conforme o determinado na sentença de 26-7-78 que os condenou, retirarem os blocos de pedra que se encontram na faixa de terreno, de cerca de 20 m2, integrada no logradouro do prédio urbano sito em Barrocal, Almancil, pertença da herança de que a autora é administradora.

Loulé, 9 de Janeiro de 1979.

O Juiz de Direito,

a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,

a) João-Maria Martins da Silva

ção. Isto quer dizer que a educação deve ser a grande preocupação dos pais, dos educadores e dos homens que trabalham na comunicação, em geral.

O crime subsiste, em boa parte, e para além do facciosismo político, porque atravessamos, neste mundo, uma autêntica crise de educação. Pelo menos, é essa a nossa convicção.

O respeito por nós próprios e pelos outros, tem de resultar numa perfeita e convencional educação, por forma a atingir-se uma maior compreensão e respeito pelos direitos do nosso semelhante. Só assim, será possível, um verdadeiro convívio social e a redução, senão, eliminação, da criminologia que afecta o Mundo.

MACHADO PINTO

AMENDOEIRA (QUERENÇA)

AGRADECIMENTO

A família de Maria Francisca Madeira, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos os que a acompanharam à sua última morada, vem por este meio agradecer penhoradamente a boa vontade de todos.

A Voz de Loulé, n.º 711 de 25-1-79

LOULÉ



*JOSÉ JOAQUIM BATISTA

AGRADECIMENTO

Sua família agradece a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, e vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nossos corações.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

CARIMBOS

Executam-se na

GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa

Telef. 62536 — LOULÉ

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-104, de fls. 123 a 125 v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual José Nunes da Conceição, solteiro, maior, residente habitualmente em 90, Rua de Saint Denis — Foyrs du Bâtiment, 93, Saint Ouen, França, e acidentalmente no sítio do Cerro das Casas, freguesia de Salir, concelho de Loulé, se declarou dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem do seguinte prédio:

Rústico, denominado «Corriola», constituído por uma courela de terra de regadio e de sequeiro com árvores, nora, engenho e motor, no sítio de Almarginho, freguesia de Salir, concelho de Loulé, confrontando actualmente, do norte com Palmira Guerreiro Martins e outros, do nascente com herdeiros de Manuel Valente, do sul com ribeiro e do poente com Amadeu Vicente Faísca e outros, inscrito na respectiva matriz predial

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

Cart. Prec. 101/78 Sec. Aux.

(1.ª publicação)

FAZ-SE saber que no dia 10 de Abril de 1979, pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial de Loulé, nos autos de carta precatória vinda do 4.º Juízo Cível do Porto e extraída da Execução de Sentença sumária n.º 3266-C/73, da 3.ª Secção, que Justino da Silva Santos move contra o executado Ângelo Ferreira Carneiro, casado, comerciante, residente em Vale da Venda — Faro, há-de ser posta em Praça, pela 1.ª vez, para ser arrematada ao maior lance oferecido acima do seu valor, a «quota de 300 000\$00» que Ângelo Ferreira Carneiro já indicado, possui na sociedade comercial «Ângelo Ferreira Carneiro, Lda.», matriculada sob o n.º 509, a fls. 65 do livro C-2 da Conservatória do Registo Comercial de Loulé.

Loulé, 17 de Janeiro de 1979.

O Juiz de Direito,

a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão,

a) Américo G. Correia

sob o artigo número dois mil duzentos e vinte e oito, com o valor matricial de cinquenta e oito mil oitocentos e sessenta escudos, e a que atribui o de 1 100 000\$00;

Que é titular da referida inscrição matricial, Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco, residente no sítio da Fonte de Salir, da freguesia dita de Salir, de quem o mesmo proveio, como a seguir se indica; e

Que este prédio se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, sob o número vinte e seis mil novecentos e onze, a folhas cento e setenta, verso, do livro B-sessenta e oito, não recaindo, porém, sobre esta descrição, qualquer inscrição de transmissão, domínio ou mera posse;

Que o prédio supra descrito lhe pertence por o haver comprado ao referido Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco, e mulher, Maria Ferreira Dias Cavaco, residentes no aludido sítio da Ponte de Salir, por escritura de três do corrente mês de Janeiro, lavrada a folhas setenta e duas, verso, do presente livro de notas;

Que atendendo ao disposto no artigo treze número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo, a verdade, porém, é que os transmitentes, os aludidos Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco e mulher, eram na data da referida escritura de três do corrente, donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrem, do prédio supra descrito e então vendido, pelo facto de,

a) No inventário orfanológico que foi instaurado e correu seus termos no Tribunal Judicial desta comarca, por óbito de Joaquim Dias, que faleceu no estado de viúvo de Ana Ferreira, e residia no sítio da Portela, da freguesia dita de Salir, ter sido adjudicado o prédio maior, constante da verba número seis, daquele inventário, denominado «Corriola», em comum e na proporção de cinquenta e um/cento e quatro avos indivisos, para os transmitentes Maria Dias Ferreira ou Maria Ferreira Dias Cavaco e marido, Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco, doze/cento e quatro avos, para José Dias Ferreira, então menor e os restantes quarenta e um/cento e quatro avos, para Manuel Dias Ferreira e mulher, Luí

cinda Guerreiro da Silva, únicos herdeiros e interessados na herança aberta por óbito do referido Joaquim Dias; — tendo as partilhas deste inventário sido julgadas por sentença de um de Outubro de mil novecentos e vinte e oito, que transmitiu em julgado;

b) Em data imprecisa mas que sabe ter sido por volta do ano de mil novecentos e trinta, terem os comproprietários daquele prédio maior, denominado «Corriola», que lhes havia sido adjudicado em comum e na proporção indicada, no inventário a que se fez referência, procedido à divisão e demarcação verbal e nunca reduzida a escritura pública, daquele prédio, tendo os transmitentes, os aludidos Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco e mulher, recebido, em pagamento da quota ideal ou fracção de cinquenta e um/cento e quatro avos, que possuíam no anterior, o prédio supra descrito e que pela citada escritura de três do corrente mês de Janeiro, venderam a ele justificante; — sendo também certo,

c) Que desde a data da referida divisão e demarcação, portanto, há mais de trinta anos, sempre os aludidos transmitentes Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco e mulher, têm vindo a possuir o prédio supra descrito e então vendido, resultante daquela divisão de facto, em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso, a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na data em que pela citada escritura de três do corrente mês de Janeiro, o venderam a ele justificante, já o haviam também adquirido por usucapião.

Que em face do exposto não tem ele justificante possibilidade de comprovar o direito de propriedade perfeita dos aludidos vendedores Joaquim Pedro Guerreiro Cavaco e mulher, sobre o prédio descrito e então vendido, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme. Secretária Notarial de Loulé, 18 de Janeiro de 1979.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

ARMAZÉM

Vende-se, no centro da vila, com chave na mão. Tem 80/90 m2.

Tratar pelo telefone 62515 — Aníbal Madeira.

PRÉDIO - VENDE-SE

De rés-do-chão e 1.º andar (frente à Ceal). Informa o próprio no local.

VENDE-SE

Apartamento c/ 112 m2 de área coberta, c/ 4 as-Sul — Loulé.

Trata Joaquim Brazão Guerreiro, Solicitador — Telf. 62689 — LOULÉ.

(3-3)

PROBLEMAS DE BOLIQUEIME FOCADOS NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

(continuação da pág. 1)
mocratização daí decorrente, especialmente no que se refere à descentralização administrativa, veio trazer um novo alento, no sentido de materializar as aspirações e anseios das populações locais.

IV — Considerando que Boliqueime, povoação situada na co-ração da província do Algarve, com cerca de 2500 habitantes, com uma agricultura próspera e um índice de desenvolvimento comercial e industrial superior a muitas sedes de concelho, espera há mais de 5 anos por esse melhoramento indispensável ao seu crescimento económico e demográfico.

V — Considerando que o problema da água e dos esgotos, é não só a mais legítima aspiração dos seus habitantes como a mais candente necessidade, o que aliás é atestado pela importância que os Partidos lhe atribuíram, incluindo esse desideratum como uma das alíneas dos seus programas apresentados nas eleições para as autarquias locais.

VI — Considerando que o Presidente da edilidade Louletana em longa entrevista concedida ao jornal «Voz de Loulé» em Outubro de 1977 declarou expressamente que a canalização da água em Boliqueime era uma realidade muito em breve.

VII — Considerando que o Presidente da Junta de Freguesia de Boliqueime, sr. Jorge Manuel Dias Coelho, tem tido uma acção relevante em prol do seu engrandecimento, designadamente esforçando-se no sentido de a dotar do melhoramento acima citado.

VIII — Considerando que há 19 anos existem dois furos a 3 km da povoação com abundância de água o que torna necessariamente mais fácil a obra a empreender.

IX — Considerando que por isso mesmo a obra respectiva foi

adjudicada e celebrado o respectivo contrato em 27-12-77 pela quantia de 12 521 813\$00, isto é há mais de um ano.

X — Considerando que o protelamento do início da obra torna-a mais face à galopante inflação e desvalorização da moeda, originando uma excessiva oneração no seu custo total, o que evidentemente preocupa o responsável da freguesia, pois que é uma pessoa responsável e atenta à reali-

Disposição legal procura eliminar o analfabetismo

(continuação da pág. 1)

Estamos, porém em crer, que se o não fôr, por outra forma, posto que a implementação da alfabetização será apoiada certamente por meios de alcance condizentes, jamais o conseguirá.

Não acreditamos nas panaceias fulminantes aplicadas às grandes enfermidades. Por isso, é de esperar que o combate eficaz ao analfabetismo, se prolongue por tanto tempo quanto se justificar.

Que tristeza sentimos quando nos apercebemos que há ainda tantos analfabetos em Portugal em pleno século XXI!

Um combate que há tantos anos devia ter sido iniciado com teimosa persistência e que só agora, parece, vai começar.

E quanto sentimento de revolta sentimos quando nos lembramos que foi Salazar quem afirmou um dia que «o português bastava saber ler, escrever e contar».

Será essa uma das causas porque somos hoje um dos países mais atrasados da Europa.

dade económica nacional e concretamente à debilidade do erário público.

XI — Considerando que o Presidente da Freguesia de Boliqueime, revestido da autoridade moral que lhe advém do crédito democrático que lhe foi concedido maioritariamente pelos seus habitantes está preocupado e não encontra resposta a estas incongruências que se traduzem em desrespeito e prejuízo para o Povo de Boliqueime.

Pergunta-se ao Governo quais as razões de tão insólito comportamento e quais os impedimentos que têm obstaculado ao início da referida obra, solicitando-se simultaneamente a rápida superação dos mesmos a fim de satisfazer uma aspiração sucessivamente adiada.

ESMAGADA PELO COMBOIO EM LOULÉ-GARE

Depois de se ter apeado do comboio, que faz paragem na estação de Loulé-Gare, foi colhida pelo mesmo quando este se pôs em marcha, ficando esmagada entre a composição e o apeadeiro, Ludovina Rodrigues, natural de Cabo Verde, de 62 anos de idade, jardineira, residente em Al-mancil.

O brutal acidente ocorreu cerca das 24 horas do passado dia 15 do corrente.

Presume-se que a infausta acidentada, que era portadora de um bilhete de passagem Barreiro/Al-mancil Nexa, ao aperceber-se de que o comboio onde seguia não parava na estação de destino, resolveu precepidamente abandoná-lo mas, tão atabalhoadamente o fez que caiu desastrosa e fatalmente.

Campeonato Distrital de Pesca de Mar

Encontram-se abertas até 30 de Janeiro as inscrições, na delegação do INATEL em Faro (Trav. Castilho, 35, 2.º — Telef. 23121 e 24148), para o Campeonato Distrital de Pesca de Mar.

O certame, que constará de três provas, decorrerá em Fevereiro, Março e Abril, em locais a designar oportunamente.

Os centros interessados na inscrição deverão apresentar até à data limite os seguintes documentos:

Mod. 112 (individual, devidamente preenchido e assinado), mod. 112 A (colectivo, devidamente preenchido e assinado), cartão de sócio do INATEL actualizado ou documento que o substitua, e declaração médica individual ou colectiva.

Oração ao Sagrado e Divino Espírito Santo

Oh! Divino Espírito Santo. Vós que me esclareceis de tudo, que iluminais todos os meus caminhos para que eu possa atingir a felicidade. Vós que me concedeis o sublime dom de perdoar e esquecer as ofensas e até o mal que me tenham feito. A vós que estais comigo em todos os instantes, eu quero humildemente agradecer por tudo o que sou, por tudo o que tenho e confirmar uma vez mais a minha intenção de nunca me afastar de vós por maiores que sejam a ilusão ou tentações materiais com a esperança de um dia me receber e poder juntar-me a vós e a todos os meus irmãos na perpétua glória e paz comum. Obrigado mais uma vez.

Perdão pelo atraso, agradeço graças concedidas.

M. J. G.

Cooperativa Agrícola e Cultural de Montes Novos, S. C. R. L.

Por alvará de 12 de Dezembro de 1978 foi aprovado o título de constituição e os estatutos com que pretende estabelecer-se, nos termos da legislação vigente sobre as associações agrícolas, uma associação agrícola com a denominação de COOPERATIVA AGRÍCOLA E CULTURAL DE MONTES NOVOS, S. C. R. L., com sede e principal estabelecimento no sítio de Montes Novos, da freguesia de Salir, do concelho de Loulé, e circunscrição limitada à área do sítio dos Montes Novos e montes circunvizinhos.

Esta associação é uma cooperativa de compra, transformação e venda e tem por fim principal a colocação dos produtos provenientes das explorações agrícolas dos associados, bem como a

aquisição dos necessários às mesmas explorações.

A Cooperativa, cujo capital social mínimo é de 10 000\$, obriga-se a aceitar a alteração da referida área social na medida em que superiormente fôr julgado necessário.

Direcção Geral de Extensão Rural, 12 de Dezembro de 1978.

O Director-Geral,
Manuel Dias Nogueira

ARMAZÉM

Vende-se com chave na mão, no centro da vila, com área 80/90 m2 — Telefone 62515 — LOULÉ.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

nos bolsos. Neste momento reparou então que à entrada da fonte estava uma mulher vestida de moura, que lhe disse: apanha, apanha... O meu vizinho assustou-se e pôs-se a correr em direcção da eira, onde contou aos companheiros o que lhe sucedera. Como duvidassem, ele tirou dos bolsos os figos, mas só encontrou cinco carvões.

— É notável! observei na minha ingenuidade.

— Dele foi a culpa, porque se ocultasse o que tinha visto, em vez de carvões encontraria cinco peças de ouro.

— E isso há muito tempo?

— Teria eu uns cinco anos, e eu tenho setenta e nove. Em uma noite, continuou a velhinha, estava minha mãe deitada com meu pai, que chegara de Faro, e eu dormia no berço. Pela meia noite ouviu minha mãe bater à porta da rua. Receosa de que continuassem a bater, e acordassem-nos, ergueu-se da cama e foi à porta. Abriu o postigo e viu três mulheres.

— O que querem a estas horas?

— Amanhã, antes do sol nado, diga a seu marido que alugue duas cavalgadas e as traga para aqui. Quando seja meia noite, conduza a senhora as cavalgadas à fonte da moura e carregue-as com o ouro que encontrar à entrada da fonte, e que ali está em monte como um monte de trigo. Depois de carregadas traga-as para sua casa, podendo então contar tudo ao marido.

— Quem são as senhoras? perguntou minha mãe.

— Somos as tristes encantadas.

E desapareceram imediatamente. No dia seguinte contou minha mãe o que lhe sucedera. Então meu pai respondeu:

— Parva! Se te calasses seríamos muito ricos.

No entanto o meu pai foi alugar as duas cavalgadas, minha mãe conduziu-as à fonte da moura, mas o monte de ouro tinha desaparecido. Se minha mãe se tivesse calado, seria eu hoje muito rica.

— Pelo que me conta há por aqui mais de uma moura...

— Mouras e mouros. Aqui bem perto há a fonte das Romeirinhas, onde têm aparecido mouros e mouras. Quando eu tinha os meus dezasseis anos, foi vista à meia noite uma formosa moura a pentear-se com um pente de ouro. Na vila não são poucas as mouras e mouros encantados.

— Nunca ouvi falar disso na vila.

— O mundo finge-se hoje muito desprendido destas coisas, e os que acreditam nestas verdades não ousam contá-las com receio

das línguas malévolas. Pois creia que há muita gente que o senhor pode consultar e que sabe de tudo também como eu.

Pedi à velhinha que me contasse a lenda da moura Cassima, ao que ela se prestou, narrando-a inteirinha sem se esquecer do mais insignificante episódio.

— Visto saber de alguns mouros encantados em Loulé, peço-lhe mais o obséquio de me informar a esse respeito.

— Hoje não posso. Creia que me faz grande mal o falar destes assuntos. Não estou à vontade e sinto-me incomodada.

E a velhinha não me deu nenhuma novidade. Tinha já notado nela uns certos estremecimentos, que bem revelavam que não se sentia bem. Não quis insistir, e por isso apenas lhe pedi que me indicasse qualquer pessoa da vila que me podesse dar informações detalhadas.

— Na vila tem muitas pessoas que o informam. Não se incomode por isso.

— Não duvido, mas não me atrevo a dirigir-me a qualquer pessoa, sem primeiramente ter a certeza de que serei bem sucedido.

A velhinha pensou por um momento e perguntou-me se conhecia a senhora Maria do Carmo.

— Onde mora?

— Na vila; é a mãe da actual rodeira: é uma velhinha da minha idade e quase tão cega como eu.

— Conheço: bem sei quem é.

— Dirija-se a ela, que também lhe pode indicar outras pessoas.

Agradei à boa velhinha as suas informações e despedi-me proposadamente ao pé da Fonte Cassima.

Realmente o velho governador não podia escolher, próximo da vila, lugar mais adequado ao encantamento das suas três filhas. A fonte abre junto de um viçoso canavial e está cercada de plantas odoríferas e de mimosas flores. Quando a aragem, nas belas noites de verão, faz balouçar as ténues folhas das árvores, e o rouxinol, descantando amores, rompe o silêncio dos bosques, sentindo-se e ouvindo-se a cada momento o correr da água por entre as pedrinhas e os pequenos seixos, parece-nos ouvir conjuntamente de dentro da fonte uns lamentos tristíssimos e misteriosos, que as próprias aves respeitam. A fonte Cassima não oferece nessas noites esses momentos de alegria, que a mocidade procura, mas faz-nos recordar desses lugares procurados pelos místicos e contemplativos, no desejo íntimo de conversar sozinhos com a sua consciência.

PEDAÇOS DE VIDA

texto e presença de JOSÉ MANUEL MENDES



CINCO DIAS DE AMOSTRA

A vida que passa, o acontecimento contínuo que é novidade, a notícia compacta do jornal que nos envolve, ainda que ultrapassando as tendências, são notícias, mas sempre notícias com interpretações diferentes. De facto, a vida é um jornal compacto. Senão, vejamos. Só em cinco dias no berço de um ano novinho em folha, temos títulos para muitas primeiras páginas. É Nicolau Lobato, chefe da Frelim, morto na véspera do Ano Novo. J. Pimenta, vai à falência ou não vai? Petroleiro «Andros Pátria», um fantasma à deriva. Tapa Tondede, ministro zaireense da Agricultura, detido por desvio de fundos. Muitos fatos de banho, muitas constipações e muito frio na banheira de Ano Novo em Carcavelos. População de Vila Real bebe água inquinada: só? Balança trágica das festividades da passagem do ano: 204 acidentes de viação. 11 mortos. 228 feridos. 116 em estado grave. Corre champagne nas estradas de Portugal em crise. Mau tempo adiou futebol e do lado de lá do oceano, Mamede chegava em quarto lugar na S. Silvestre. Ainda em desporto é Renata Neufeld, 20 anos atleta da RDA quem participa na corrida para o Ocidente. Foge do Leste, declarando que o treinador a obrigava a tomar hormonas e anabolizantes, em lugar de vitaminas desde 1976. Portugal e Guiné-Conakri estabeleceram relações diplomáticas. Álvaro Cunhal e Rosa Coutinho regressam, satisfeitos como sempre de Moscovo. Discurso de Eanes no faz-que-anda-mas-não-anda das «conquistas de Abril». Tá todo o mundo enrolando. Tá todo o mundo enrolando. Portugal ajuda o MPLA a recuperar material bélico. 225 mortos, mas na Turquia, sequência de graves incidentes. Orga Deterding, arquimilionária sucumbe às 0 horas de 1979, com um cálice de champagne no baton dos belcos. Refugiados vietnamitas fogem do paraíso comunista em catadupas. E por falar em catadupas, uma vaga de frio na América e na Europa congela o

mercúrio dos termómetros. Esta- do de emergência na Polónia. A Princesa muito Grace em Lisboa para inaugurar as comemorações do Ano Internacional da Criança, e entretanto, morrem 100 000 crianças por mês, à fome, na Índia. 25 mãos amputadas, é o balanço em Milão dos festejos de fim-de-ano devido a explosões de petardos. Em Espanha, a ETA entra em grande no novo ano, e assassina mais quatro adversários. Macau revaloriza a pataca. E nós a olhar. O Irão é um barril de pólvora. Desaparece a carne de porco. Aumenta o preço da carne do porco. Keegan, futebolista, recusa oferta de 46 500 contos por ano, para jogar numa equipa americana, o que dava a módica quantia de 3 800 contos por mês, ou seja, 130 contos por dia, ou seja ainda mais do que a maioria de nós ganha num ano de trabalho. Sanches Osório quer expulsar os vermes. E Pinheiro de Azevedo jura que ainda é presidente. Do PDC. Ou de qualquer coisa. ETA mata governador militar de Madrid.

Greve dos camionistas da Grã-Bretanha. Vietname ocupa Camboja. Execução de comunistas no Iraque. Greve dos trabalhadores portuários. Cheias no Cávado. «A Luta» transforma-se em «O Luto». Morre Conrad Hilton, arquimilionário, dono dos hotéis do mesmo nome. Atentados em Itália, à direita e à esquerda. Do lado extremo. E comum. Greve siderúrgica na RFA. Tentativa de golpe de estado no Egipto. Devorados por tubarões 31 marinheiros libaneses. Martín Villa, ministro do Interior de Espanha: «Ou nós destruímos a ETA, ou a ETA nos destrói a nós!»

Que melhor síntese para o que se passa no mundo, do que esta lapidária frase? Vivemos a Lei de Talião. A do nós ou eles. E isto a todos os níveis. Maus tempos se avizinham, quando o homem é o principal inimigo do homem, e o ódio e a vingança ditam arraias por terras de todos nós. O Mundo vai mal, e, pior que isso, não se vislumbra trompete nenhum que o faça mudar.

NOVOS MÉDICOS

Como consequência da local que publicámos acerca da formatura dos jovens louletanos que concluíram as suas licenciaturas em 1978, chegaram ao nosso conhecimento os nomes de mais 2 novos médicos e 1 licenciado em letras, que é natural das freguesias de Ameixial.

Podemos assim assinalar que concluíram as suas formaturas pela Faculdade de Medicina de Lisboa o Dr. Fernando Manuel da Luz Campina, filho do nosso velho amigo, conterrâneo e dedicado assinante sr. Francisco Martins Campina, residente em Lisboa e da nossa conterrânea sr.ª D. Maria Carapeto da Luz Campina, funcionária dos C. T. T. em Faro.

— Dr.ª Alberta Maria da Piedade Pinto Lopes, filha do nosso prezado amigo, conterrâneo e estimado assinante sr. Arquitecto

Eurico Pinto Lopes, residente em Lisboa e da sr.ª D. Maria das Dores Pinto Lopes (falecida).

— Dr. Luís António Fernandes da Palma, licenciado pela Faculdade de Letras de Lisboa, filho do nosso prezado assinante sr. António Mateus da Palma, proprietário no Ameixial e da sr.ª D. Maria da Encarnação Fernandes.

O Dr. Luís Fernandes foi colocado na Escola Secundária de Loulé como professor de História.

Aos jovens licenciados e a seus pais apresentamos os nossos parabéns pelo êxito alcançado nos estudos e formulamos votos de feliz carreira profissional.

— Dr. José António Cavaco Rodrigues, natural de Salir, filho do sr. Manuel Rodrigues Miguel e da sr.ª D. Maria Viegas Cavaco, residentes naquela localidade.

União das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve, levarão a efeito no próximo dia 28 de Janeiro (Domingo), às 11 horas, as suas Assembleias Gerais, com excepção das Caixas de Monchique, que será às 15.30 daquele dia e a de Lagoa, no dia 27, também às 11 horas.

Passamento de dois sacerdotes provoca consternação na Diocese

Num curto interm a morte roubou da sua missão apostólica dois sacerdotes de quem havia ainda muito a esperar.

No dia 29 de Dezembro passado faleceu o Rev. P.e Rafael Pereira dos Santos e no dia 5 de Janeiro último o Rev. P.e João José Sustelo dos Santos.

Este último sacerdote foi vítima de um acidente de viação quando de regresso de Armação de Pera tinha orientado uma reunião dos Cursos da Cristandade.

Ficaram gravemente feridos os seus companheiros que seguiam no mesmo automóvel, os srs. Marcelino Pacheco Silva e Antó-

Loulé terá o seu Lar da Terceira Idade

A gravura do prédio que publicamos na 1.ª página é muito conhecido em Loulé pelo seu belo porte e foi construído há cerca de 40 anos pelo saudoso e benemérito louletano José da Costa Guerreiro, que durante largos anos foi Presidente da Câmara de Loulé e Provedor da Santa Casa da Misericórdia, a quem legou metade deste excelente imóvel.

Esta circunstância facilitou a compra da parte restante aos herdeiros, por 3000 contos, 2900 dos quais serão pagos com o dinheiro que o Estado já se comprometeu a devolver e que era fundo da Santa Casa aquando da nacionalização do Hospital de Loulé. Portanto, só depois de a Santa Casa ser reembolsada daquela verba pelo Ministério dos Assuntos Sociais, que possibilitou a

aquisição total do edifício supracitado, é que o Lar para a Terceira Idade poderá ter viabilização.

Resta acrescentar que o referido edifício se situa na Avenida José da Costa Mealha e portanto no ponto mais central.

No rés-do-chão está instalada a agência do B. N. U., mas o 1.º andar dispõe de um amplo quintal/jardim.

Nem as aves do Jardim Zoológico escapam!

Balanceado que foi o produto de um roubo praticado recentemente no Jardim Zoológico de Lisboa, chegou-se à conclusão de que oitenta e uma aves de várias espécies foram subtraídas do respectivo pavilhão.

Entre os vários exemplares desaparecidos foi levada também uma perdiz da Califórnia cujo valor se estima em cinquenta contos.

Pelos vistos não são só os valores monetários, as jóias, e objectos de luxo que tentam os ladrões.

Os mais desenhados e dispareos artefactos, à falta de outras «apetências» também se vem e pelos vistos até as aves exóticas do Jardim Zoológico.

Para impedir as investidas dos gatunos tem já aquele recinto provido de alarme alguns dos seus aviários.

Com a falta de carne e a sua carestia, não seria de admirar que um dia, esses ratoneiros tentassem a proeza de sacar, do tranquilo cativo em que vivem, algum búfalo ou zebra, para lançar a sua carne furtivamente, no mercado consumidor, oferecendo assim, a bom preço, «gato por lebre».

VILAMOURA VALORIZA-SE

O grande complexo turístico de Vilamoura continua a ser valorizado com novas edificações, novos aldeamentos e novos elementos de progresso imprescindíveis a um desenvolvimento que, apesar de tudo, não deixa de se revelar como sintoma duma teimosa persistência dos que não desistem de acreditar no Algarve como estância turística de nível internacional.

É por isso que não podemos deixar de felicitar os obreiros do empreendimento «Mourabe», agora inaugurado e valorizado com excelente e acolhedor restaurante,

bar, grille e esplanada, junto à piscina.

Trata-se de uma unidade hoteleira que dispõe das imprescindíveis requisitos modernos para convívio, com uma excelente sala de jantar, ampla cozinha, Bar e confortável esplanada, rodeada das necessárias comodidades.

Tudo isto são componentes dum imóvel funcional e de boa arquitectura, que tomou em consideração a comodidade e o apoio aos clientes que o preferirem para as suas férias, sem que os profissionais que ali trabalham tivessem sido esquecidos.

Este moderno e acolhedor restaurante é mais um válido elemento a valorizar o arrojado empreendimento de Vilamoura e testemunha o espírito de iniciativa dos gestores da Sociedade de Exploração Turística e Hoteleira, Lda., a qual tem como gerente o dinâmico director hoteleiro e nosso prezado amigo sr. Henrique Rodrigues.

A parte de exploração do restaurante está a cargo da firma Emídio & Mealha, Lda., de que são sócios os nossos estimados amigos srs. José António Gonçalves, Emídio e Liberto Bento Mealha, dois hábeis profissionais de turismo que têm firmado os seus créditos no Restaurante Panorama em Albufeira, onde são muito conhecidos.

A chefia da cozinha está a cargo do habitual profissional sr. José Francisco Ramos dos Santos.

Felicitemos quantos trabalham no novo restaurante e desejamos-lhes bom negócio.

JOSÉ MANUEL PEREIRA

DEMITIU-SE DAS SUAS FUNÇÕES NO «JORNAL DO ALGARVE»

Desde menino e moço que José Manuel Pereira sente verdadeira vocação e paixão pelo jornalismo e por isso tem servido, com o brilho da sua pena, os mais legítimos interesses da sua terra natal: Vila Real de Santo António.

Quando profissional gráfico compunha para o «Notícias do Algarve» os seus próprios trabalhos em prosa ou em verso e da experiência adquirida em constante contacto com a imprensa a desabrochar o gosto por escrever cada vez mais e cada vez melhor.

A II Guerra Mundial fez de nós dois expedicionários nos Açores e, aí durante meses de contacto, nos tornámos mais solidários e mais amigos, até porque os dias de lazer convidavam a uma maior concentração para quem aprecie conviver e escrever, tendo José Manuel Pereira aproveitado oportunidades de escrever para jornais açorianos.

Mais tarde, ao lançar «Jornal do Algarve», o grande jornalista que foi José Barão, encontrou em José Manuel Pereira o colaborador dedicado, o jornalista probo e inteligente, sempre pronto a terçar

armas em defesa da sua terra, contribuindo assim para acreditar um novo jornal que foi também um novo estilo na imprensa algarvia.

Primeiro como colaborador dedicado e depois como chefe de redacção do «Jornal do Algarve», José Manuel Pereira teve, ao longo dos 20 anos de vida daquele nosso colega da imprensa algarvia (cuja linha política é divergente da nossa, mas que respeitamos), uma actuação notória, formativa e crítica.

José Manuel Pereira não morreu como homem e por isso não acreditamos que tenha morrido como jornalista. Para quem escreve para jornais desde menino e moço e se entretém com esse apaixonante «vício» durante mais de 30 anos não pode afastar-se das lides jornalísticas sem profunda mágoa e sem que sinta uma vontade interior de voltar.

Formulamos votos porque José Manuel Pereira volte a escrever na imprensa algarvia, onde o seu nome é muito conhecido e considerado.